

# CADERNOS DE ESPIRITUALIDADE FRANCISCANA

---

**38**

Editorial Franciscana  
BRAGA - 2010

## **Ficha Técnica**

---

### **Coordenador:**

Fr. José António Correia Pereira, ofm

Editorial Franciscana

Apt. 1217

4711-856 BRAGA

Tel. 253 253 490 / Fax 253 619 735

E-mail: [edfranciscana@editorialfranciscana.org](mailto:edfranciscana@editorialfranciscana.org)

### **Edição on-line no site:**

[www.editorialfranciscana.org](http://www.editorialfranciscana.org)

### **Capa:**

Desenho de Fr. José Morais, ofm

### **Edição:**

Editorial Franciscana

### **Propriedade:**

Provincia Portuguesa da Ordem Franciscana

*Depósito Legal: 14549/94*

*I. S. B. N.: 972-9190-46-1*

*Caderno 38- 2010*

*Cada número dos Cadernos é vendido avulso*

# Índice

---

## **I – Estudos**

1. *Fr. Jean François Godet-Calogeras ofm*  
— O Movimento Franciscano – Uma revolução evangélica ..... 5
2. *Fr. José Antonio Merino ofm*  
— Escoto e a Ecologia ..... 13
3. *Fr. Martín Carbajo Núñez, ofm*  
— Actualidade de Duns Escoto na Sociedade de Informação ..... 33

## **II – Documentos**

1. Bento XVI  
*Três Meditações sobre S. Boaventura* ..... 57

**ACTUALIDADE DE DUNS ESCOTO  
NA SOCIEDADE DE INFORMAÇÃO**

*por Martín Carbajo Núñez, ofm*

## ACTUALIDADE DE DUNS ESCOTO NA SOCIEDADE DE INFORMAÇÃO \*

Sete séculos depois da morte, o Beato João Duns Escoto é um modelo que gera simpatia na sociedade de informação<sup>1</sup>, tanto pelo seu pensamento como pela atitude vital. Efectivamente, apesar das limitações impostas pela distância e da diversidade da época em que viveu<sup>2</sup>, Duns Escoto oferece bases seguras para estabelecer relações pacíficas num mundo cada vez mais interdependente.

Para aprofundar esta ideia, indicaremos a necessidade do diálogo no nosso mundo mediático, para mostrar, depois, como a doutrina escotista pode favorecer a abertura ao diálogo com o Outro e com os outros na sociedade actual.

### 1. DUNS ESCOTO E A NECESSIDADE DE DIÁLOGO HOJE

A nossa sociedade oferece inumeráveis possibilidades de comunicação à distância (Net e meios de comunicação social (MCS)<sup>3</sup> e de encontro interpessoal (migrações, turismo, viagens), mas, ao mesmo tempo gera particularismos e discriminações.

---

\* O artigo aqui apresentado foi publicado em *Giovanni Duns Scoto, Studi e ricerche nel VII Centenario della sua morte*. Em honra do P. César Saco Alarcón. Ao cuidado de Martiín Carbajo Nuñez (Medioevo, 15). Roma, Ed. Antonianum, 2008, vol. II, 471-506

<sup>1</sup> A expressão “sociedade de informação” designa um tipo de sociedade onde as tecnologias de informação são o elemento fundamental das actividades sócio-económicas. Sobre o assunto cf., R. WHITAKER, *The end of privacy. How total surveillance is becoming a reality*, New York, 199, 48

<sup>2</sup> Cf., C. KOSER, *El character práctico de la theologia según Juan Duns Escoto*, Carta do Vigário geral ofm, em Verdad y Vida, 24 (1966) 15-25.

<sup>3</sup> MCS = Meios de Comunicação Social

## A - Duns Escoto, modelo de diálogo

Neste contexto cheio de ambiguidades, Duns Escoto pode servir de modelo e de base teórica para potenciar o diálogo e a abertura gozosa a Deus, aos outros e à criação. Não é por acaso que o Doutor Subtil foi proposto pelo magistério recente como modelo de diálogo inter-religioso e intercultural: “na nossa época, rica em imensos recursos humanos, técnicos e científicos (...), o beato Duns Escoto apresenta-se (...) como mestre de pensamento e de vida para a Igreja e para toda a humanidade”<sup>4</sup>.

Paulo VI propôs Duns Escoto como modelo do espírito dialogante que o Concílio Vaticano II incrementou, e que ele mesmo adoptou como objectivo do seu pontificado<sup>5</sup>. O Papa recorda as palavras de João de Gerson, que afirma que Escoto sempre se guiou “não por o afã singular de vencer, mas pela humildade de conseguir um acordo”<sup>6</sup>. Escoto, com efeito, demonstra um ânimo sincero na busca da verdade, analisa com atenção e espírito construtivo as posições contrárias ao seu pensamento e evita desclassificações gratuitas ou pouco fundamentadas.

A doutrina e a personalidade do Doutor Subtil encaixam naquele objectivo que Paulo VI propõe para o diálogo ecuménico<sup>7</sup> e inter-religioso, assim como para o encontro com o mundo contemporâneo e com o ateísmo<sup>8</sup>. Mais concretamente, o Papa espera que a figura de Escoto ajude a incrementar o desejado diálogo com os anglicanos, tendo por base as antigas tradições comuns. Nesse sentido, Escoto impõe-se como figura muito significativa. Por um lado, foi sempre fiel ao magistério eclesiástico<sup>9</sup>, por outro, é também uma personagem ilustre da Grã-

---

<sup>4</sup> JOÃO PAULO II, *Carta encíclica nas cerimónias de reconhecimento do culto litúrgico a Duns Escoto* (20-3-1991), em *Selectiones de Franciscanismo*, n. 65 (1993), 164, nº 4.

<sup>5</sup> Cf. PAULO VI, *Carta encíclica Ecclesiam suam*, (6-8-1964), em AAS (1964 609-659, nº 27: “A Igreja deve dialogar com o mundo em que lhe toca viver. A Igreja faz-se palavra; a Igreja faz-se mensagem; a Igreja católica faz-se colóquio (...) o diálogo deve caracterizar o nosso trabalho apostólico.

<sup>6</sup> JOÃO DE GERSON, *Lecciones duae “Poenitemini”* lect., alt., consid. 5, citado em Paulo II, *Carta Apostólica Alma parens*, em AAS 58 (1966) 164, nº 17

<sup>7</sup> *Alma parens* 14: “O tesouro teológico de suas obras pode-nos oferecer reflexões valiosas para “colóquios serenos”, entre a Igreja católica e as outras confissões cristãs.

<sup>8</sup> *Ut supra* 11: Da sua doutrina “podem-se extrair armas resplandecentes para combater e afastar a mão negra do ateísmo que obscurece a nossa época.

<sup>9</sup> *Ibid* 16: Na realidade o rei Henrique VI da Inglaterra, quando rompe a comunhão com a Igreja de Roma, manda queimar os escritos de Escoto, pois considerava-o um dos papistas mais notáveis.

-Bretanha. Além disso, a sua doutrina foi património comum, durante três séculos, nas escolas daquele país<sup>10</sup>.

Também João Paulo II evidencia a exemplaridade de Escoto no sentido de “um diálogo sério na busca da unidade”<sup>11</sup> e confirma que “continua ainda hoje um pilar da teologia católica, um mestre original e rico de impulsos e estímulos”<sup>12</sup>.

## **B – O diálogo, necessidade urgente**

Se no período posconciliar se propunha o diálogo como atitude fundamental no encontro da Igreja católica com os outros crentes e com o mundo secularizado, actualmente continua a ser considerado uma condição indispensável para a convivência pacífica numa sociedade cada vez mais inter-relacionada. Baum afirma que o dilema actual da humanidade consiste em “falar juntos ou morrer juntos”<sup>13</sup>.

Hoje o próximo não é só quem vive ao lado, no espaço ou no tempo. Qualquer acção individual, por mais pequena e mais localizada que seja, pode ter consequências imprevisíveis para o resto da humanidade e até para toda a criação. Sucessos que noutras épocas ficavam circunscritos a uma região, fazem, hoje, sentir a sua influência imediata mesmo nos lugares mais longínquos do planeta. “*O bater das asas de uma borboleta no Brasil pode desencadear um tornado no Texas*” (E. Lorenz, 1979).

A queda das barreiras espaço-temporais abre enormes possibilidades, mas também traz questões inquietantes<sup>14</sup>. Jonas afirma que a ética tem de ser profundamente reformulada, para responder aos novos desafios<sup>15</sup>. Tratar-se-ia de traduzir em termos éticos, o consenso que já existe sobre a defesa dos direitos humanos. Desta forma, se evitaria que muitos

---

<sup>10</sup> *Ibid*, 13-14.

<sup>11</sup> JOÃO PAULO II, “Confermazione del Beato Scoto e proclamazione della beata Dina Bélanger”, nº 4, em *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XVI/1 (1993) 710.

<sup>12</sup> João Paulço II, “Discurso à comissão escotista”, 16-02-2002, em *L’Osservatore Romano* (1-03-2002), nº2. De Escoto, diz o Papa, ressalta “a sua esplêndida doutrina sobre o primado de Cristo, sobre a Imaculada Conceição, sobre o valor primário da Revelação e do magistério da Igreja, sobre a autoridade do Papa e sobre a possibilidade de a razão humana tornar acessíveis, pelo menos em parte, as grandes verdades da fé e de demonstrar a sua não contradição”.

<sup>13</sup> Z. BAUM, “Parlare insieme o morire insieme: dilemma di tutto il pianeta, em *Vita nostra* 11 (2003)

<sup>14</sup> João Paulo II, “Messaggio per la giornata mondiale delle migrazione 2001”, 2-02-2001, nº 2, em *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XXIV/1 287.

<sup>15</sup> H. JONAS, *Das Prinzip Verantwortung. Versuch einer Ethik für die technologische Zivilisation*, Frankfurt am Main 19845, 15.

busquem refúgio em novos tipos de funda-mentalismo religioso, nacionalista ou ético<sup>16</sup>.

O risco do pensamento único e do colonialismo cultural provoca reacções defensivas, frequentemente incontroladas. Huntington prevenia o perigo de um crescente conflito entre civilizações<sup>17</sup>. Para o evitar, a Assembleia Geral da ONU proclamou o ano 2001 como “Ano das Nações Unidas do Diálogo entre civilizações”<sup>18</sup>. As propostas de diálogo intercultural sucederam-se até aos nossos dias<sup>19</sup>.

### **C – Muita informação mas pouca comunicação**

Se é verdade que o diálogo a nível político e cultural é imprescindível, o mesmo acontece a nível pessoal. A “rede social<sup>20</sup>” permite que naveguemos por um imenso oceano de informações, facilita a comunicação global e instantânea e dá-nos a possibilidade de ir ao encontro de um mundo virtual que ultrapassa as distâncias e as barreiras do tempo. Podemos ter sensação de que o mundo inteiro nos fica ao alcance das mãos sem sair da nossa casa, sem necessidade de correr riscos e sem assumir responsabilidades. Quase sem nos darmos conta, podemos ficar enredados nesse espaço virtual domesticado, terminando por fugir instintivamente da dura realidade de cada dia e do exigente encontro com o outro.

A comunicação virtual empobrece a relação ao pôr de lado a linguagem corporal, os gestos, o olhar, a proximidade, o tacto. Já Platão dizia que Sócrates tinha percebido alguns destes problemas na escrita. Negava-se a usá-la porque a considerava algo material (de categoria inferior), algo morto, sem interlocutor definido que possa apresentar possíveis objecções, um meio que não nos pode levar à verdadeira compreensão das ideias. Mas na realidade, a comunicação oral em si mesma não é suficiente. A busca da verdade – segundo Sócrates – exige diálogo

---

<sup>16</sup> Sobre as propostas éticas para conferir um rosto humano ao processo de globalização, cf.: R. MANCINI, *Etiche della mondialità*, Assis 1996, 15-198; Cf., L. BOFF, *Ethos mondiale. Alla ricerca di un'etica comune nell'era della globalizzazione*, Torino, 2000, 31-59.

<sup>17</sup> S.P. HUNTINGTON, *The clash of civilizations and the remaking of the world order*, New York, 1997.

<sup>18</sup> NACÕES UNIDAS, *A/Res/53/22*, 16-11-1998.

<sup>19</sup> Em 21-09-2004, na 50ª Assembleia Geral da ONU, o primeiro ministro espanhol, José Luís Zapatero, retomava essa ideia para propor uma “Aliança de civilizações”, centrando-a especialmente nas relações entre Ocidente e o mundo muçulmano.

<sup>20</sup> M. CASTELLS, “Materials for an exploratory theory of Network society” em *British Journal of Sociology* 51/1 (2000) 9-10.

e alguma simpatia entre um reduzido número de interlocutores capacitados. Por isso rejeitava os charlatães, como os sofistas, que se dirigiam a multidões<sup>21</sup>.

Podemo-nos informar sem nos comunicar, podemos receber muitos dados sem chegar a estruturar o nosso pensamento. Um dilúvio de informações pode gerar a confusão em vez de acrescentar algo ao nosso conhecimento; não é por falar muito que nos comunicamos mais. Dizia Platão que um ser humano necessita de sete anos de busca silenciosa para conhecer a verdade, e ao menos catorze para aprender a comunicá-la aos seus semelhantes... E Séneca perguntava ironicamente a Lúcio, que lhe propunha inumeráveis sentenças; *Haec sciam? Et quid ignorem*<sup>22</sup>?

O diálogo respeitoso ajuda-nos a ser reflexivos e a superar tanto a homogeneização, que anula a riqueza das matizes, como o relativismo, que nega os valores<sup>23</sup>. Temos necessidade de desenvolver a capacidade gratuita, gozosa, responsável, para poder caminhar juntos até a uma humanidade reconciliada.

## II – BASES ESCOTISTAS PARA UM AUTÊNTICO DIÁLOGO

Paulo VI afirmou que a escola Franciscana tem em Duns Escoto o seu representante mais qualificado<sup>24</sup>. Nesta linha de pensamento valoriza-se o voluntarismo, que se contrapõe ao frio intelectualismo da filosofia moderna<sup>25</sup>. Partindo da liberdade divina e do seu amor incondicional pelo homem concreto, o voluntarismo rebate o dualismo cartesiano, que contrapõe corporalidade e pensamento, matéria e espírito<sup>26</sup>. Opõe-se

---

<sup>21</sup> PLATÃO, II Fedro, n° 275, em G. Modugno, ed. *Platone. Le opere*, X, 31 vol. Aquila, 1929, 186

<sup>22</sup> Cf. PISARRA, “Labyrinthi dell’informazione”, em P. CARETTI – A. PIERRETTI – P. PISARRA, *Informazione, manipolazione e potere*, Cinisello Balsamo, 1998, 31.

<sup>23</sup> JOÃO PAULO II, “Discurso aos membros da Academia Pontifícia das Ciências Sociais”, 27-04-2002, n° 4, em *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, XXIV / 1 (2001) 802. Cf. A. TOURAINE, “Faux et vrais problèmes”, em M. Wieviorka, ed., *Une société fragmentée? Le multiculturalisme en débat*, Paris, 1997, 206.

<sup>24</sup> *Alma parens* 6. “Ele é mestre e guia da escola franciscana”.

<sup>25</sup> Cf. J. DUNS ESCOTO, *Reportatio Parisiensis*, (= *Rep.*), IV d. 49 n. 11, em L. Vivès, ed. *Opera omnia*, vol. 1-26, Paris 1891-1895 (= Vivès, XXIV 65: “Capacitas voluntatis perfectior est in via quam capacitas intellectus; igitur similiter et patria, quia non est alia capacitas hic er ibi.”. Cf. J. DUNS ESCOTO, *Ordinatio* (= *Ord.*), III d. 33 q. un. n. 58, em *Commissione Scotista*, ed., *Opera Omnia*, Città del Vaticano 1950 ss (=Vat.), X 168-169: “Simpliciter nobilior erit electio recta quam dictamen rectum”

<sup>26</sup> Descartes (1596-1650) considera que a essência do ser humano consiste na sua capacidade de pensar (*res cogitans*), enquanto o corpo pertence a uma outra categoria de substâncias (*res extensa*). O ênfase que se dá a

também a qualquer tipo de gnosticismo que reduza o que é mais específico do ser humano a uma dimensão espiritual ou racional, como se tudo tivesse de ser subjugado e orientado para favorecer um desenvolvimento primitivo do pensamento<sup>27</sup>.

Frente a filosofias que interpretam a realidade como algo necessário e inevitável, porque lógico, Escoto defende a liberdade como paradigma interpretativo de tudo o que existe. A verdade sobre a realidade humana e cósmica não é redutível à pura racionalidade. No princípio não foi a lógica nem a necessidade, mas a vontade amorosa, livre e gratuita de Deus; por isso, a verdade é inseparável da bondade<sup>28</sup>. Se o mundo existe não é porque seja racionalmente necessário, mas por amor. Tudo é radicalmente contingente<sup>29</sup>, mas ao mesmo tempo valioso, porque querido e desejado.

## A – “DEUS CHARITAS EST”

Escoto proclama que Deus é amor<sup>30</sup>, e, portanto, um ser totalmente livre, criativo e desinteressado<sup>31</sup>. Actuando em modo ordenado<sup>32</sup>, Deus ama-se a si mesmo, porque só Ele é o Bem<sup>33</sup>; em segundo lugar, ama-se a si mesmo nos outros. Deus não é um “motor imóvel”, distante e inacessível, mas um ser apaixonado, caloroso de sentimentos, que cria porque ama<sup>34</sup>.

Perante a impassibilidade da potência divina na filosofia grega e no deísmo, Escoto mostra um Deus que é amor e, por isso, não pode permanecer indiferente perante a humanidade<sup>35</sup>. O Sumo Bem é ao

---

um destes elementos, dará origem a tendências contrapostas da compreensão do humano (idealismo e materialismo), mas ambas caracterizadas por um forte dualismo.

<sup>27</sup> Escoto afirma a prioridade da vontade para alcançar a beatitude a que estamos destinados. *Rep.* IV d. 49 q. 2 n. 20 (Vivès XXIV 630).

<sup>28</sup> A verdade não pode reduzir-se à pura racionalidade. João Paulo II, Carta encíclica *Fides et Ratio*(=FR), 14-09-1998, n. 38.

<sup>29</sup> J. DUNS ESCOTO, *Quaestiones super libros Metaphysicorum Aristotelis* (= *QQMetaph.*), IX q. 15 n. 12, em *Id., Opera philosophica*, The Franciscan Institute, St. Bonaventure, N.Y., 1997ss. (= *Oph.*), IV 678.

<sup>30</sup> *1Jo* 4, 8; *Ord.* I d. 17 q. 173 (Vat, V 222): “Deus sit formaliter caritas et dilectio”.

<sup>31</sup> Deus não cria por interesse, mas por bondade: *Ord.* III d. 27 q. un. n. 19-20 (Vat. X 53-55).

<sup>32</sup> Amar ordenadamente, significa que primeiro se deseja o fim e, depois, gradualmente, todo o resto segundo a sua aproximação a esse fim. Cf. *Rep.* III d. 7 q. 4 n. 4 (Vivès XXIII 303); *Ord.* III d. 32 q. un. N. 21 (Vat. X 136).

<sup>33</sup> *Rep.* III d. 27 q. un. N. 7 (Vivès XXIII 135).

<sup>34</sup> Cf. *Rep.* II d. 27 q. un. n. 3 (Vivès XXIII 135).

<sup>35</sup> Cf. Ex 3, 7; 6,5: Deus escuta o grito dos oprimidos.

mesmo tempo a suma comunicabilidade, de forma totalmente livre<sup>36</sup>. Assim Deus torna possível e garante o diálogo que leva à fruição comunicativa.

## 1 – Amor em absoluta liberdade

O ser e o actuar de Deus não estão determinados pela lógica nem pela necessidade, nem estão subjugados a nenhum condicionamento ou interesse<sup>37</sup>. A liberdade faz parte da perfeição do ser<sup>38</sup>. Deus ama-se a si mesmo de forma ordenada e, amando ordenadamente, cria a diversidade de tudo quanto existe. A sua actividade *ad extra* não é emanção necessária do seu ser, mas fruto absolutamente livre e gratuito da sua vontade amorosa. O seu actuar não é caprichoso, porque nada do que faz contradiz o seu próprio ser<sup>39</sup>. Antes de tudo, Deus é<sup>40</sup>.

Ao afirmar a total liberdade divina, Escoto nega que Deus deva eleger necessariamente o que, segundo os nossos parâmetros racionais, seria a opção adequada. Deus actua ordenadamente, realizando o que é digno da sua própria bondade, mas sem estar condicionado por outros factores externos a si mesmo. Deus é subsistente, independente de qualquer outro ente<sup>41</sup> e totalmente livre para se comunicar. Não é a coerência lógica que determina o agir de Deus, mas o amor.

Ao pôr a liberdade divina por cima da racionalidade do ser, Escoto afirma que o que existe podia ter sido criado de modo diferente e nem por isso perderia a sua coerência interna<sup>42</sup>. No princípio de tudo está a vontade livre de Deus, o qual não impede a racionalidade subsequente de

---

<sup>36</sup> J. DUNS ESCOTO, *Tractatus De primo principio*, c. 3 conclusio 22, editado por M. Müller, Freiburg, 1941, 56-60.

<sup>37</sup> Cf. Ord. III d. 1 p. 1 q. 1 n. 49 (Vat. IX 21-22). Em Duns Escoto, “o primado da vontade põe de manifesto que Deus é sobretudo caridade”. Bento XVI, “Carta apostólica na ocasião do VII centenário da morte do beato Duns Escoto, em *Selecciones de Franciscanismo* n. 113(2009) 253.

<sup>38</sup> *De primo principio*, c. 3 conclusio 22 (Müller) 60).

<sup>39</sup> Deus pode fazer tudo que não seja contraditório com a sua própria essência. *Ord.* I d. 7 q. 1 n. 52 (Vat. IV 129); *Rep.* IV d. 46, q. 4 n. 8 (Vivès XXIV 584).

<sup>40</sup> O decisivo em Deus não é o querer ou o entender, mas a sua essência, manifestada na coerência consigo mesmo. Só nele se dão todas as perfeições. *Ord.* IV d. 13 q. 1 n. 32 (Vivès XVII 689); *Rep.* I d. 8 q. 1 n. 1 (Vivès XXII 153).

<sup>41</sup> *Ord.* I d. 19 q. 2 n. 54 (Vat. V 290): “Subsistere autem, id est «incommunicabiliter per se esse», convenit personae primo”.

<sup>42</sup> O. TODISCO, *Il dono dell'essere. Sentieri inesplorati del medioevo francescano*, Pádua, 2006, 47: “As criaturas foram (são) desejadas não por serem melhores – mais verdadeiras que os outros, mais racionais, mais harmónicas que outros... – mas são melhores porque são desejadas”. O leitor encontra na obra de Todisco uma exposição ampla e articulada da linha de pensamento que aqui vem expressa sobre Escoto.

tudo o que ele denomina existência. O único ser necessário é Deus, tudo o demais é contingente, porque tudo é fruto de sua bondade e liberdade.

A absoluta liberdade de Deus, Sumo Bem, implica que nada se lhe pode impor como necessário e universal. O bem não é tal por sua intrínseca lógica, mas porque Deus assim o quis, quando poderia ter configurado de forma diversa<sup>43</sup>. Deus não só é livre de criar, mas também de escolher a constituição lógica interna de cada uma das criaturas.

A liberdade divina reflecte-se nos seres humanos, criados à imagem de Cristo e, por isso, livres e criativos<sup>44</sup>, capazes de responder positivamente ao amor divino («condiligentes») dentro dos limites da própria criaturalidade<sup>45</sup>. O pecado obscureceu a nossa semelhança com o Deus trinitário, mas não anulou a natureza humana, criada para a glorificação de Deus, isto é, para o diálogo e a doação de si mesmo por amor. Superou-se assim o pessimismo antropológico dos que consideram o homem incapaz de altruísmo.

## **2 – Amor gratuito, que cria diálogo e comunicação**

Escoto sublinha a absoluta liberdade de Deus e o seu amor gratuito, sem limites. Tudo o que existe é fruto absoluto do seu amor desinteressado e tem como finalidade o amor, independentemente de qualquer mérito ou qualidade<sup>46</sup>. Nem sequer a alma de Cristo mereceu a sua glória. Tudo é dom.

O homem existe porque Deus (Sumo Bem) o amou gratuitamente. Não fomos criados porque essa foi uma opção razoável e lógica, mas porque Deus, na sua imensa bondade, assim o quis, quando podia ter optado por inumeráveis outras possibilidades. No princípio de tudo está a vontade livre e gratuita de Deus, o qual não impede que, uma vez criado, cada ser tenha uma lógica própria e coerente.

Se existimos não é por termos direito a isso (argumento racionalista), mas por puro dom, porque Alguém quis que fosse assim (voluntarismo)<sup>47</sup>. Antes de receber o dom da vida, não éramos nada; portanto, todo o nosso ser é fruto da vontade divina, que quis chamar-nos à exis-

---

<sup>43</sup> *Ord.* II d. 1 q. 2 n. 91 (Vat. VIII 48).

<sup>44</sup> *Rep.* IV d. 15 q. 4 n. 38 (Vivès XXIV 246): “libertas este pretiosissima res, et nobilissima quae est in anima, et per consequens in homine.”

<sup>45</sup> *Rep.* I d. 17 q. 2 n. 7 (Vivès XXII 211).

<sup>46</sup> A criação é fruto da vontade divina. *Ord.* II d. 1 q. 2 n. 91 (Vat VII 48).

<sup>47</sup> *Ord.* I d. 8 p. q. un. N. 300 (Vat. IV 325).

tência, podendo optar por outras infinitas possibilidades. Por isso, tudo quanto existe é ontologicamente contingente, fruto da vontade amorosa, livre e gratuita de Deus. Nascemos como dom e estamos chamadas à dádiva.

A actividade divina *ad extra* é sempre fruto do amor e orientada para o amor. Criando, Deus manifesta a sua bondade infinita para espaços diversos de si, e renuncia a ser o único existente. Cria porque ama e, além disso, tudo predispõe para que todos possam amá-lo livremente. A *kenosis* de Cristo manifestará ulteriormente esta dinâmica de amor infinito, que respeita o fim de cada ser. Deste modo, Deus torna possível o diálogo pessoal, algo muito distinto do monólogo do tipo de religiosidade consumista. Todos os seres são fruto do amor trinitário, que, gratuitamente, cria, e gera relações de comunhão e diálogo.

O ser humano foi criado à imagem e semelhança do Criador, mas ontologicamente dependente e, por isso, nunca poderia dialogar com o Deus transcendente se não fosse gratuitamente elevado à dignidade de interlocutor. Encontramo-nos aqui com a complexa questão filosófica do encontro entre absoluto e contingente, entre o infinito e o finito. A união hipostática em Cristo realiza este enlace de forma eminente. Nele e por Ele recebemos também nós a capacidade de amar livremente o nosso Criador com um amor puro, ordenado. O conhecimento e a especulação intelectual só podem servir de preparação para essa comunhão beatífica<sup>48</sup>, que o amor de amizade pode proporcionar<sup>49</sup>.

### 3 – Jesus Cristo, o perfeito interlocutor de Deus

A actividade *ad extra* de Deus-amor é expressão coerente e ordenada do seu ser. O Deus trinitário, comunidade de pessoas, decide criar, livre e gratuitamente, o que é distinto de si, com a finalidade de partilhar o seu amor<sup>50</sup>. Entre todos os possíveis interlocutores no amor, Deus criou a Cristo como o mais perfeito, aquele que pode responder com um amor infinito como o seu<sup>51</sup>. A união hipostática das naturezas humana e divina na pessoa de Cristo significa que ele é o mais próximo

---

<sup>48</sup> *Ord. prol.* P. 5 q. 2 n. 353 (Vat. I 229).

<sup>49</sup> Cf. *Ord.* IV d. 49 q. 2 n. 27-32 (Vivès XXI 52-55). Escoto distingue entre amor de desejo (concupiscência e amor de amizade (caridade)). O segundo é mais perfeito, pois nos move a amar a Deus por Ele mesmo e ao próximo por Deus. *Ord.* I d. 1 p. 3 q. 5 n. 193 (Vat. II 121); *Rep.* III d. 7 q. 4 n. 5 (Vivès XXIII 303); “(Deus) diligit se aliis, est iste est amor castus.”

<sup>50</sup> Deus quer criar uma família fundada no amor mútuo. *Rep.* III d. 7 q. 4 n. 5 (Vivès XXIII 303).

<sup>51</sup> *Ord.* III d. 7 q. 3 n. 61 (Vat. IX 287).

ao amor com que Deus ama, o que melhor pode responder-lhe, o mais próximo da sua finalidade essencial<sup>52</sup>. Assim, a alma de Cristo é a primeira a ser destinada à mais alta comunhão com a Trindade, independentemente de os homens serem ou não criados<sup>53</sup>.

A predestinação de Cristo e, nele, a de todos os seres racionais, tem como fim primário a glória de Deus<sup>54</sup>. Isso não impede, antes exige a liberdade para amar<sup>55</sup>, pois o que é fruto do amor tende para o amor<sup>56</sup>. Deus não nos necessita; ama-nos e deseja o nosso amor<sup>57</sup>.

Enquanto obra-prima de Deus, Cristo é também o sumo bem de todos os demais seres<sup>58</sup>, o mediador universal, o centro de toda a actividade amorosa de Deus *ad extra*, o ponto de encontro entre o divino e o humano. N'Ele, por Ele e para Ele são pensados todos os anjos, os homens e todas as coisas<sup>59</sup>. Tanto a ordem natural como o sobrenatural encontram nele o seu sentido. Maria imaculada será a primeira beneficiária da sua mediação e, com ela, todos somos filhos no Filho.

Esta perspectiva eterna, amorosa de Deus não podia estar condicionado pela acção posterior da criatura humana, pois, entre outras razões, esta nem sequer estava prevista na mente de Deus<sup>60</sup>. Cristo estava predestinado a dar glória a Deus antes que o mundo existisse e antes que fosse previsível a queda de Adão<sup>61</sup>. Deus, que ama de modo ordenado, quer a glória de Cristo antes de qualquer outra actividade que possa conduzir a essa meta<sup>62</sup>. Por isso, a redenção não está contemplada nesse primeiro momento, nem é o motivo primário da encarnação<sup>63</sup>.

Tudo é livre escolha do amor de Deus, em conformidade com o seu eterno plano amoroso. Deus podia ter optado por outros meios para

---

<sup>52</sup> *Rep.* III d. 7 q. 4 (Vivès XXIII 303).

<sup>53</sup> *Rep.* III d. 7 q. 4 (Vivès XXIII 303).

<sup>54</sup> *Ord.* I d. 40 q. un. n 4 (Vat. VI 310). *Ord.* III d. 32 q. un. n 21 (Vat. X 136-137). “(Deus) vult alios habere condiligentes, et hoc est velle alios habere amorem suum in se, – et hoc est praedestinare eos.”

<sup>55</sup> Deus deseja a salvação de todos e outorga os dons necessários para que possam acolhê-la em liberdade. *Ord.* I d. 46 q. un. n 7 (Vat. VI 379). De facto, a morte de Jesus Cristo será meritória porque a aceita voluntariamente. *Ord.* III d. 16 q. 2 n. 56 (Vat. XIX 559).

<sup>56</sup> *Ord.* III d. 32 q. un. n 21 (Vat. X 136-137).

<sup>57</sup> *Rep.* III d. 32 q. un. n. 10 (Vivès XXIII 508).

<sup>58</sup> *Ord.* III d. 7 q. 3 n. 63-66 (Vat. IX 288).

<sup>59</sup> *Rep.* III d. 32 q. un. n. 11 (Vivès XXIII 508).

<sup>60</sup> Ao falar do plano de Deus, não assinalam momentos de sucessão temporal. Mas somente lógica, pois em Deus não há antes nem depois.

<sup>61</sup> *Ord.* III d. 19 n. 6 (Vat. XIV 714); J. DUNS ESCOTO, *Lectura* (= Lect.), III d. 19 q. un. n. 20 (Vat XXI 32).

<sup>62</sup> *Ord.* I d. 41 q. un. n. 41 (Vat. VI 332-333).

<sup>63</sup> *Rep.* I d. 41 q. un. n. 18 (Vat. XXII 482).

nos redimir<sup>64</sup>, mas escolheu aquele que melhor expressa o seu amor incondicional por nós<sup>65</sup>. Se Cristo aceita livremente a morte na cruz não é para aplacar a ira divina ou para reparar a justiça enganada, mas como expressão do amor infinito de um Deus que nos quer incorporar no seu amor.

A comunicação amorosa é o primeiro objectivo da acção de Deus *ad extra*. Esse objectivo é, pois, prioritário e anterior à ruptura do diálogo provocado pela queda de Adão. A queda do homem não pode ter destruído o plano primitivo de Deus, reduzindo a história a um retorno fastidioso ao paraíso perdido e, além disso, exigindo a paga pela morte na cruz. Essa concepção subordinaria Cristo ao homem, o que seria absurdo<sup>66</sup>. Cristo tem o primado absoluto sobre tudo o que é criado e, no fim dos tempos, o apresentará ao Pai como oferenda de amor. Assim, pois, o melhor está para chegar.

Frente ao relativismo religioso e a uma religiosidade desencarnada e impessoal, Escoto proclama que tudo o que é humano encontra em Cristo o seu sentido, mesmo o sofrimento e a fragilidade. O Crucificado que sofre conosco, é o único rosto que Deus revelou. Em Cristo, Deus experimentou a tragédia do ser humano e fez-se seu companheiro de jornada. Cristo restabelece o diálogo amoroso que o pecado rompeu e fá-lo aceitando livremente a doação de si mesmo na cruz.

## **B – DIGNOS PORQUE AMADOS**

O único ser necessário é Deus mesmo; todos a outros seres são contingentes, isto é, existem porque Ele assim quis, sem outras razões<sup>67</sup>. A criação é um acto do amor gratuito, imerecido, completamente livre de Deus.

### **1 – O valor incondicional da pessoa humana**

O homem não é um ser pensante (*res cogitans*), dominador, mas um ser pensado (*res cogitata*), infinitamente amado. Se existo é porque Deus me amou e pensou em mim, sem outra razão para me ter escolhido.

---

<sup>64</sup> A Encarnação é uma eleição livre e gratuita de Deus. *Ord.* IV d. 2 q.1 n. 11 (Vivès. XVI 248). Cf. *Ord.* III d. 20 q. un. n 10 (Vivès XIV 737).

<sup>65</sup> O amor de Deus evidencia-se na maneira como nos redimiu. *Ord.* III d. 20 q. un. n. 10 (Vivès XIV 738).

<sup>66</sup> *Ord.* III d. 7 q.3 n. 64-66 (Vat IX 288).

<sup>67</sup> *Rep.* II d. 1 q. 3 n. 3 (Vivès XXII 531).

É uma questão de gratuidade, de amor desinteressado, de vontade<sup>68</sup>. O lema cartesiano “penso, logo existo”, muda-se em “sou amado, logo existo”.

O valor do ser humano não reside na sua substância (“eu pensante”, “racional”, dominador), mas na bondade de Deus. O homem existe porque Deus (Sumo Bem) o amou gratuitamente e, em consequência é um ser bom, chamado à doação de si mesmo por amor. O importante não é a capacidade mental, mas o facto de ter sido amado gratuitamente, escolhido entre muitos outros possíveis, é hospede sem o merecer.

A dignidade do ser humano não depende do êxito das suas acções, mas da relação gratuita que Deus estabeleceu com ele desde a criação do mundo. A sua identidade não resulta do que tem, mas da sua capacidade de doação e da capacidade de construir relações significativas. Com a ajuda da graça divina, podemos dialogar, confiar no outro, pois o homem não é um lobo para o homem. A capacidade de amar é mais forte que o egoísmo, que as tendências pecaminosas, mesmo que a prudência seja necessária. A natureza humana não mudou radicalmente com o pecado original<sup>69</sup>.

## 2 – Reconhecer-se criaturas

Frente à pretensão ingénua do homem actual que pretende obter tudo rapidamente e sem esforço, Escoto convida a reconhecer-se criatura dependente e limitada, mas infinitamente amada por Deus. O ser humano é contingente, ontologicamente dependente, e deve reconhecer-se como tal, obedecendo humildemente ao seu Criador<sup>70</sup>. Isto não significa renunciar à própria dignidade e às potencialidades de cada um, mas reconhecer que a verdade sobre si mesmo reside na liberdade bondosa e gratuita de Deus.

Enquanto os filósofos tendem a afirmar a perfeição auto-suficiente da natureza, Escoto insiste na necessidade da graça<sup>71</sup>. Tudo o que temos e somos é puro dom. Não somos amados porque somos dignos, antes

---

<sup>68</sup> Deus nos amou porque assim quis, pois pode fazer livremente tudo o que não seja contradição. *Ord.* I d. 44 q. un. n. 3 (Vat. VI 363-364); *Ord.* I d. 8 p. 2 q. un. n. 283 (Vat IV 314).

<sup>69</sup> Cf., *Lctt.* II d. 20 q. 2 n. 21-20 (Vat. XIX 195-197).

<sup>70</sup> *QQMetaph.* IX q. 12 n. 3 (*Oph* IV 611-612).

<sup>71</sup> Os filósofos pagãos tentam explicar tudo racionalmente, desde a auto-suficiência da natureza. *Ord.* prol. p. q. un. n.5 (Vat. 14)

somos dignos porque somos amados<sup>72</sup>. Mesmo sendo pequenos, somos amados.

O ideal humano não é o super-homem impassível, sempre vencedor. Tudo o que o homem é e tudo o que o rodeia é querido e amado por Deus, sem que existam razões suficientes para que assim seja. Nada do que diz respeito ao homem é indiferente a Deus<sup>73</sup>, que quis manifestar-se na debilidade. Por isso, é possível uma relação harmónica, hospitaleira, respeitosa com os outros, com a natureza e com o próprio corpo, pois a sua dignidade deriva da livre vontade de Deus. Não se trata de dominar ou subordinar o que sou e o que me rodeia, mas de coordenar tudo, respeitando a riqueza da diversidade.

### 3 – Livres para amar

Desde esta perspectiva, a matéria e o próprio corpo deixam de ser algo alheio e perigoso. Todo o nosso ser, *corpore et anima unus*<sup>74</sup>, é fruto do amor divino e, portanto, digno. Sendo fruto do amor livre e gratuito de Deus, estamos chamados a amar a todos na liberdade e na gratuidade. Maria é também nosso modelo, pela forma como colaborou livremente na obra de Deus<sup>75</sup>.

Por isso mesmo, de nada serviria a mortificação do corpo se não é expressão da menoridade e da pobreza interior. Não se trata de subordinar o corpo à alma, mas de coordenar tudo o que somos, para que nada nos desvie da resposta agradecida a quem nos amou. Estar ordenado é muito diferente de estar subordinado. No mundo clássico propunha-se a subordinação do corpo, a mortificação como meio de subordinação, para poder assim libertar a dimensão espiritual e racional que nele está como que escravizada, isto é para poder pensar sem que as paixões o impeçam.

No pensamento de Escoto, no entanto, o corpo não é inimigo da alma, mas complemento harmonioso e necessário. A corporeidade de cada ser humano tem uma entidade e um valor ontológico em si mesma<sup>76</sup>. Por isso, a mortificação tem como objectivo o preparar-se para

---

<sup>72</sup> Todos os seres criados são bons porque desejados, não por utilidade:

<sup>73</sup> *Ord.* III d. 19 q. un. n. 7 (Vivès XII 512).

<sup>74</sup> CONCÍLIO VATICANO II, Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, (= GS), 7-12-1065. N. 14. Escoto defende que a substância do ser humano só se dá na unidade de alma e corpo. *Ord.* IV d. 45 q. 2 n. 14 (Vivès XX 306).

<sup>75</sup> Numa sociedade que acentua a passividade da mulher, Escoto sublinha o papel activo de Maria na sua maternidade virginal. *Ord.* III d. 4 q. un. n. 47 (Vat. IX 216).

<sup>76</sup> *Ord.* IV d. 11 q. 3 n. 55 (Vivès XVI 436).

responder livremente, com todo o nosso ser, a Deus que livremente nos criou. A mortificação permite-nos “conservar a paz da alma e do corpo”<sup>77</sup>, isto é, faz-nos livres para amar. Tudo o que o homem é e realiza deve ser a expressão da sua resposta amorosa a Deus. Amá-lo é o único acto bom em si mesmo e, por isso, irrenunciável<sup>78</sup>.

#### 4 – O pecado, ruptura do diálogo amistoso

Deus criou o ser humano sem que existisse nenhum motivo para isso e destinou-o em Cristo, para participar na vida trinitária. O pecado original não destruiu a natureza que Deus lhe deu à imagem de seu Filho<sup>79</sup>. Se somos fruto do amor e a ele estamos destinados, pecar é ir contra a nossa própria natureza, renunciando conscientemente à amizade que Deus nos oferece.

Escoto rejeita o gnosticismo daqueles que identificam o pecado com o erro, de forma que só o iluminado seria capaz de resistir às sugestões do mal. Antes da verdade e da alógica, Escoto acentua a liberdade e o amor.

Mais que ruptura de uma ordem justa, Escoto entende o pecado como uma infidelidade. Por isso mesmo, Escoto nega que o pecado original seja um contágio transmitido através da carne contaminada; pertence à ordem moral, não à ordem física<sup>80</sup>. Rejeita assim qualquer semelhança do pecado original e pessoal com um mecanismo mágico ou automático, enquanto reafirma o seu carácter moral e relacional<sup>81</sup>.

O pecado pessoal é ruptura do diálogo, é renúncia consciente de amar o Amor<sup>82</sup>. Desta maneira, a criatura contradiz o juízo da recta razão<sup>83</sup> e caminha para a morte do isolamento egoísta.

A encarnação não está determinada pelo pecado, isso significaria que o agir divino estaria condicionado necessariamente pelo erro do homem. Deus não está obrigado a reparar os destroços que o pecado do homem ocasionou na ordem da justiça. Deus actua sempre livremente e

---

<sup>77</sup> Ex. 15, 1-2 em Fontes Franciscanas I (= FFI) 2ª ed, Editorial Franciscana, Braga, 2005.

<sup>78</sup> *Rep.* IV d. 28 q. un. n. 6 (Vivès XXIV 377).

<sup>79</sup> *Lect.* II d. 29 q. un. n. 22 (Vat. XIX 289).

<sup>80</sup> *Ord.* III d. 30 q. 2 n. 14 (Vat. VIII 322).

<sup>81</sup> *Ord.* III d. 33 q. un. n. 76 (Vat. X 175).

<sup>82</sup> Por isso, a criatura renuncia ao primeiro princípio, que é: “*Deus est diligendus*”. *Ord.* IV d. 46 q. 1 n. 10 (Vivès XX 426).

<sup>83</sup> Um acto é moralmente bom quando há harmonia entre a vontade e a recta razão. *Rep.* II d. 35 q. un. n. 10 (Vivès XXIII 182); *Ord.* III d. 36 n. 74 (Vat. X 249).

na lógica do amor, porque quer que alcancemos o nosso verdadeiro fim. O amor prevalece sobre a justiça<sup>84</sup>. Não obstante, o amor de Deus não podia permanecer indiferente ante a cegueira humana que, na sua infidelidade, caminhava para a morte. Daí a redenção, a doação de Cristo até à morte de cruz.

## C – RELAÇÕES BASEADAS NA LIBERDADE E NA GRATUIDADE

“O homem é um lobo para o outro homem”<sup>85</sup>, repetem aqueles que olham com suspeição o ser humano e aqueles que defendem a opção armamentista como único modo de manter a paz (*Si vis pacem, para bellum*). O cristianismo contradiz esta lógica. Frente á guerra de interesses e às relações competitivas do eu dominador, a concepção antropológica de Escoto assenta as bases para relações em liberdade e gratuidade.

### 1 – Todo o ser humano é um interlocutor válido

Em Cristo, todos os seres racionais, começando por Maria, foram predestinados ao eterno diálogo amoroso com Deus<sup>86</sup>. Essa predestinação à visão beatífica não é condicionamento escravizante, mas liberdade para amar<sup>87</sup>. Na sua infinita bondade, Deus quer que as criaturas racionais alcancem, em Cristo, a sua meta final, isto é, a comunhão com Deus<sup>88</sup>. Alcançando essa beatitude, a pessoa realiza plenamente a sua própria natureza<sup>89</sup>, que foi criada por amor. A condenação, pelo contrário, é fruto do mau uso da liberdade<sup>90</sup>.

O facto de que o ser humano seja *imago Dei* não deve entender-se num sentido estático – por ter uma natureza racional comum (*res cogitans*) – mas sobretudo um sentido relacional: a capacidade de amar e de se dar em liberdade. Também as pessoas divinas são dinâmicas, em con-

---

<sup>84</sup> *Ord.* III d. 20 q. un. n. 10 (Vivès 738).

<sup>85</sup> “*Homo homini Lupus*”. Esta afirmação de Plauto (Anasiria, acto II), longamente repetida, reflecte uma concepção antropológica pesimista. Tomás de Aquino preferia afirmar: “*Homo hominis naturaliter amicus*”. *S. Th.* II-II q. 114 a. 1 ad 2.

<sup>86</sup> *Lect.* III d. 19 q. un. n. 31 (Vat. XXI 36-37).

<sup>87</sup> O homem pode rejeitar o destino beatífico que Deus lhe preparou. *Ord.* I d. 41 q. un. n. 40 (Vat. VI 332). Cf. *Ord.* I d. 41 q. un. n. 42 (Vat. VI 333): “*Reprobatio ergo habet ex parte obiecti rationem, scilicet peccatum finale praeivium.*”

<sup>88</sup> Só Deus pode satisfazer a ânsia profunda das criaturas. *Rep.* II d. 23 q. un. n. 6 (Vivès XXIII 109). Cf. *Ord.* prol. p. 1 q. un. n. 32 (Vat. I 119).

<sup>89</sup> Deus quer a realização plena do ser humano, se bem que este se pode opor e fazer malograr o plano de Deus. *Ord.* II d. 33 q. un. n. 18 (Vat. VIII 368).

<sup>90</sup> *Ord.* I d. 41 q. un. n. 46 (Vat. VI 334).

tínua relação<sup>91</sup>. Criado à imagem do Verbo encarnado, o homem está feito para o diálogo livre e afectuoso com tudo o que o rodeia e com o mesmo Deus<sup>92</sup>. A bondade do ser – de todos os seres – leva à gratuidade do dom.

Contrastando com a bondade e gratuidade que são a base da teologia escotista, predomina hoje uma concepção antropológica negativa, que leva a relações ferozmente competitivas, ao eficientismo (*do ut des*) e ao “usa e deita fora” do consumismo mais desenfreado. O eu auto-suficiente e individualista tenta conhecer e dominar; usa a informação em termos de poder, em vez de buscar com ela a comunhão<sup>93</sup>; conhecer tudo dos outros para os dominar; é incapaz de reconhecer que o valor dos outros seres não depende dele mesmo. Deste modo, a pessoa é impulsionada para a “guerra de interesses” (capitalismo) ou é reduzida a uma peça anónima numa engrenagem colectiva (colectivismo). Em ambos os casos o sujeito não é respeitado nem respeita os outros, não se sente motivado para o altruísmo, nem para se comunicar e gerar comunhão<sup>94</sup>.

O ideal liberal de um indivíduo completamente autónomo e auto-suficiente, que entra em sociedade por pura conveniência utilitarista, corresponderia ao Deus único, monolítico e soberano de algumas filosofias. Esse Deus não necessitaria de intervir no mundo, pois teria criado o mundo como mecanismo autónomo.

Para o cristianismo, porém, a pessoa é intrinsecamente social, pois foi criada à imagem de Deus trinitário, que é comunhão na pluralidade, fonte de toda a unidade e de toda a diferença. O homem já nasce como ser livre e social<sup>95</sup>. A sua dignidade e sociabilidade são anteriores à evolução e à história. O seu valor não depende do meu pensamento, mas de Deus, sumo Bem, que o pensou e amou desde toda a eternidade. Mais que conhecer, o sujeito tem de reconhecer o outro. Ele é um tu muito

---

<sup>91</sup> J. DUNS ESCOTO, *Quodlibet* (= *Quodl.*), q. 12 n. 6 (Vivès XXV 476).

<sup>92</sup> *Ord.* IV d. 49 q. 10 n. 2 (Vivès XXI 318-319).

<sup>93</sup> Frente ao positivismo lógico, que define a informação como uma mera descrição objectiva do mundo, alguns autores tentam recuperar o aspecto subjectivo, através da distinção entre informação e comunicação. A comunicação plenamente humana não pode reduzir-se a uma simples transmissão de informação (como acontece com uma máquina), mas implica fenómenos de interpretação e de compreensão. Comunicar é relacionar-se, partilhar com alguém um significado em vista a uma maior comunicação. Cf. F. MARTINEZ DíEZ, *Theología de la comunicación*, Madrid, 1994, 28.

<sup>94</sup> Comunicação e comunidade são termos afins, que se implicam e se exigem mutuamente. W. SCHRAMM-W.E.PORTER, *Men women, messages, and media; understanding human communication*, Harper& Row, Nova York, 1982, 2-3.

<sup>95</sup> Cf. GS 24.

antes de se relacionar com o seu semelhante, porque, desde sempre, Deus o tratou e amou como tal<sup>96</sup>. Conhecer é amar, contemplar o mistério do outro e sentir-se movido a admirá-lo e a amá-lo. Portanto, a verdade é inseparável da bondade.

A dignidade e a razão da existência de todos os seres não depende da mente do sujeito pensante, mas da absoluta liberdade e gratuidade de Deus que é amor. O pecado dividiu o homem por dentro, mas não anulou a sua capacidade de amar, de transcender o próprio egoísmo com a ajuda da graça<sup>97</sup>. Consequentemente, o domínio despótico do eu pensante, que configura toda a realidade a partir de si mesmo, transforma-se em acolhimento afectuoso de cada ser que, em si mesmo, é um dom divino.

## 2 – Relações gratuitas, desinteressadas

Partindo do paradigma escotista de liberdade, o que resulta é a resposta agradecida, gratuita, a Deus que nos ama, e o encontro respeitoso, desinteressado com o outro e com a criação. A hospitalidade absoluta para com todos os seres não acontece pelos benefício que delas podemos tirar, mas porque todas são fruto do amor divino e, por isso, bons em si mesmos. Quanto mais débil e frágil se mostra a vida (como embrião, como doente, como idoso), mais forte é o apelo à nossa responsabilidade, pois Deus quis mostrar a sua grandeza na debilidade.

O ser humano é sempre um mistério para mim, porque a sua existência não depende de leis intrínsecas à sua pessoa, mas da vontade de Alguém que me transcende. Por isso, sinto-me motivado a sair ao seu encontro e a respeitar a sua alteridade, sem prepotência, sem fins dominadores, porque a sua existência não depende de mim. Ele é um tu muito antes que eu com ele me relacione, porque desde sempre Deus o tratou e amou como tal. Portanto, o ser humano tem uma dignidade pessoal que é prévia a qualquer contacto com os seus semelhantes. Deus concedeu-lhe esse estatuto de pessoa que tornará possível o autêntico encontro com os outros de igual para igual<sup>98</sup>.

A resposta ética não será superficial, voluntarista, típica de um sujeito dominador que “quer” amar o outro, que “quer” imitar a *kenosis* de Cristo, mas uma ética de alteridade e de compaixão. Descobrimo que

---

<sup>96</sup> J.L. RUIZ DE LA PEÑA, *Imagen de Dios. Antropología teológica fundamental*, Santander, 1988, 181-182.

<sup>97</sup> Cf. *Lect.* II d. 34-37 q. 4 n. 50 (Vat. XIX 337).

<sup>98</sup> O amor ao outro forma parte da resposta amorosa a Deus. *Ord.* III d. 28 q. un. n. 25 (Vat. X 91).

todos somos fruto do amor gratuito, imerecido, de Deus, o sujeito sente-se radicalmente motivado para o amor gratuito e para a hospitalidade incondicional<sup>99</sup>.

## **D – DIALOGANDO COM TODOS OS SERES NO JARDIM DO COSMOS**

Na perspectiva de Escoto, todos os seres são irmãos, dignos de ser amados por si mesmos, porque são fruto do amor divino que cria e sustenta. O louvor, a admiração e o agradecimento proíbem qualquer intenção de apropriação ou domínio. Isto não significa que não se possam tocar ou melhorar. A criação não é algo estático, imutável, antes projecto, abertura, reino de liberdade. O homem está chamado a desenvolver as potencialidades de tudo o que existe, mas sempre em conformidade com o plano divino.

### **1 – O mundo, expressão de bondade**

Deus criou gratuitamente e alegra-se com a sua obra. O acto criador não é fruto da necessidade, uma vez que Deus sempre actua livremente. O mundo não é expressão de potência, mas expressão de bondade, é um dom. Cada criatura é uma manifestação do amor divino que supera a nossa capacidade de raciocínio, sem deixar, por isso, de ser compreensível e lógica em si mesmo. Deus poderia ter criado coisas melhores em si mesmas, mas, desde o momento que decide livremente criar algo, isso converte-se objectivamente no melhor possível, pelo facto mesmo de ter sido escolhido e querido gratuitamente por Deus. De facto, Deus não deixará de amar o que criou<sup>100</sup>.

Esta explicação do acto criador não vai contra a razão, nem faz apelo a um comportamento caprichoso, não impede a formulação racional, antes aponta para uma liberdade divina que supera a nossa capacidade de compreensão<sup>101</sup>. Todos os seres são expressão do amor gratuito, livre e incomensurável do Criador.

---

<sup>99</sup> Imitando o amor gratuito, desinteressado de Deus, o homem está chamado a amar o seu semelhante sem tentar possuí-los, pois neles encontra o mesmo Deus. *Ord.* III d. 28 q. un. n. 15 (Vat. X 88).

<sup>100</sup> *Ord.* I d. 41 q. un. n. 54 (Vat. VI 338). “Nullum enim aliud bonum, quia bonum, ideo amatum ab illa voluntate.”

<sup>101</sup> Escoto insiste em que Deus actua de modo ordenado e racional. Cf. *Ord.* III d. 32 q. un. n. 21 (Vat. X 136). Não tem, pois nenhuma base aqueles que o acusaram injustamente de defender um voluntarismo caprichoso, mais próximo do fideísmo que da formulação racional.

A natureza não é inóspita e hostil, algo que o homem tem de subjugar, mas um lugar, uma habitação acolhedora. Só o contemplativo capta a dignidade e beleza global do universo<sup>102</sup>. Duns Escoto defende a univocidade do ser<sup>103</sup>, estabelecendo assim uma conexão fundamental (não só analógica) entre os seres deste mundo e o mesmo Deus<sup>104</sup>.

Ao mesmo tempo, Escoto afirma a singularidade única e irrepitível de cada ser, porque o Criador lhe deu esse estatuto ao eleger-lo e ao individualizá-lo entre todos os seres possíveis. A diferença não é deficiência ou imperfeição. O individual prevalece sobre o universal e, por isso, é mais perfeito o conhecimento concreto. O entendimento humano está predisposto para perceber intuitivamente essa singularidade, ainda que a situação actual, normalmente o faça partir do conhecimento universal. Escoto contradiz assim a filosofia grega, que defendia a superioridade do conhecimento abstracto e a sua necessidade para poder chegar à compreensão do individual.

Esta concepção filosófica de Escoto reforça a autonomia das criaturas. Nada é superficial e acessório, pois Deus tudo conhece e tudo ama na sua singularidade<sup>105</sup>. Isto pode-se aplicar ao diálogo como atitude fundamental do ser humano. Dialogar é reconhecer a riqueza da diversidade, respeitá-la e, ao mesmo tempo, buscar pontos de encontro e de entendimento.

Desde a perspectiva escotista, pode-se afirmar que a perfeição não se consegue afastando-se da matéria e do próprio corpo, para conseguir o pensamento puro e o espírito imperturbável, mas assumindo e coordenando tudo o que somos. A profissão da pobreza não deve ser entendida como afastamento maniqueísta da realidade, mas como liberdade interior para amar as pessoas e as coisas, sem o afã de as dominar ou possuir. O único absoluto é Deus, por isso o homem não pode deixar-se dominar pelas coisas, mas também não pode desprezá-las, nem utilizá-las arbitrariamente.

---

<sup>102</sup> *Ord. prol.* p. 5 q. 2 n. 355 (Vat. I 231).

<sup>103</sup> *Ord. I d. 3 p. 1 q. 2 n. 26* (Vat. III 18). Cf. *Ord. I d. 3 p. 1 q. 3 n. 137* (Vat. III 85). Escoto define a univocidade como “unitate rationis eius quod predicatur”. *Ord. I d. 8 p. 1 n. 89* (Vat. IV 105) e distingue três tipos: física, metafísica e lógica. Cf. *De anima*, q. 1 n. 89 (Vivès III 477).

<sup>104</sup> *Lect. I d. 3 p. 1 q. 2 n. 113* (Vat. XVI 266).

<sup>105</sup> Escoto defende a dignidade e a liberdade metafísica do indivíduo, que é único e irrepitível. *Ord. II d. 3 q. 1 q. 6 n. 183* (Vat. VII 481).

O tempo messiânico, já presente no meio de nós, mas sem chegar ainda à plenitude, obriga o peregrino (*homo viator*), a não se deter a escutar os cantos da sirene, mas a continuar o caminho, com os olhos fitos no seu fim último, em Deus.

## 2 – Dignidade e valor de cada uma das criaturas

Na visão de Escoto, a contemplação e a escuta substituem o domínio despótico. A criação tem um valor em si mesma, que é prévio e independente da utilidade que se possa obter. Se o ser humano é digno porque é amado, também os outros seres encontram em Deus o valor que por si mesmos não merecem. A contingência de todos os seres criados não impede a sua dignidade, pois esta fundamenta-se na bondade de Deus. Também eles são fruto do amor divino e, por tanto, merecem respeito, independentemente da utilidade que podem ter para o homem.

Cada uma das criaturas foi chamada por Deus à existência, ordenada num “cosmos” e orientada para a nova criação. O homem é convidado a colaborar nesse plano divino, pois a natureza necessita dele para desenvolver as suas potencialidades<sup>106</sup>, mas deve fazê-lo com responsabilidade<sup>107</sup>. Amar é querer que o outro seja ele mesmo, segundo a lógica do seu próprio ser<sup>108</sup>, por isso, o ser humano deve respeitar a entidade de todo o que existe, independentemente de benefício que possa ter<sup>109</sup>.

Rejeita-se, assim, o eu auto-suficiente da filosofia ocidental, que reduz a criação à pura matéria neutra, que ele tem de converter em algo útil e positivo. A Bíblia, ao contrário, afirma que a natureza é rica em si mesma, uma bênção cheia de potencialidades e de vida: “Viu Deus quanto tinha feito, e tudo era muita bom e belo.”<sup>110</sup>

Escoto defende a liberdade e a dignidade metafísica do indivíduo que é único e irrepetível. A diferença individual (haecceidade “*haecceitas*”)<sup>111</sup> é uma característica ontológica positiva, que imita a infinita individualidade divina. Graças a ela, cada um dos seres é único, irrepetí-

---

<sup>106</sup> Em Cristo, o homem é o fim particular da criação. *De rerum princ.* q. 9 a 2 sec. 4 /Vivès IV 435-436)

<sup>107</sup> J. DUNS ESCOTO, *De rerum princ.* q. 13 a 1 sec. 6 (Vivès IV 497-498): “Homo ordinatur ad finem suum per bonum usum creaturarum, et deordinatur per abusum earum.”

<sup>108</sup> O. TODISCO, “Daal’io penso tomista all’io voglio scotista”, em *Miscellanea francescana* 3-4 (2004) 521.

<sup>109</sup> *Ord.* III d. 27 q. un. n. 16 (Vat. X 53).

<sup>110</sup> Gn 1, 31; “As criaturas do mundo são saudáveis, não há nelas veneno de morte”. Sb 1. 14.

<sup>111</sup> *Ord.* III d. 1 q. 3 n. 132 (Vat. XI 59): “Singularitas praecedi rationem suppositi.” Em português poder-se-ia traduzir por “istoidade” (o que faz com que algo seja isto e não outra coisa). Cf. Este caderno p. 13.

vel, independentemente da sua natureza que compartilha com o seu género e espécie. Ressalta assim a bondade e singularidade dos seres, pois todos imanam da vontade livre e amorosa de Deus.

Todos estamos intimamente relacionados em caridade, pois formamos parte de um único projecto de amor, cada um com sua própria dignidade e objectivo específico. A alteridade forma parte intrínseca do ser humano. Estamos chamados a contemplar, maravilhados, o mistério do mundo e a administrar responsabilmente o que Deus nos confiou.

A mentalidade utilitarista não possibilita o diálogo e a escuta. As coisas não são meros objectos que podemos usar segundo o nosso capricho, segundo a necessidade do momento. Nem sequer são degraus para nos aproximarmos de Deus, pondo-as debaixo dos nossos pés. O cristão não utiliza a natureza como senhor despótico, nem se deixa escravizar por ela. Situando-se no meio dos seres, o franciscano descobre que é irmão, afectuosamente, pois em tudo descobre a presença do Deus encarnado. Mais que projectar sobre a natureza os seus sentimentos, escuta, acolhe e une-se à sinfonia de todo o cosmos.

### **3 – Até que, em Cristo, todos sejamos um no Amor**

O diálogo amoroso de Deus com a criação encontra em Cristo a via adequada e definitiva. A criação inteira gravita em torno dele e nele encontra a unidade e sentido. Todos os seres tendem para Deus em Cristo, o Verbo feito carne. Como se de uma pirâmide perfeita se tratasse, Cristo é o vértice o ponto focal de tudo o criado, enviado para recapitular em si todas as coisas, para as apresentar a Deus como oferenda de amor. Esse ponto ómega da criação não será o fim da história amorosa, que já antes dos séculos, Deus iniciou com a humanidade em Cristo.

Escoto, ao acentuar o valor do singular deveria ajudar-nos a apreciar a diversidade das raças, culturas e religiões como uma riqueza que Deus nos oferece para que, juntos, em hospitalidade absoluta, façamos o mais belo mosaico em sua honra. Deveria também impelir-nos para um maior apreço pela natureza. Todos os seres, mesmo os mais irrelevantes, reflectem a Trindade e, por isso são portadores de uma dignidade que deve ser respeitada. Eles necessitam do ser humano para articular o seu louvor ao Criador e poder desenvolver as suas potencialidades. Unidos a eles, percorremos o itinerário para Deus. Por isso, enquanto caminhamos

unidos a eles, esperando a salvação definitiva, empenhamo-nos em antecipar a chegada dos novos céus e a nova terra.

A felicidade dos bem-aventurados não se poderá reduzir a “ver a Deus”, isto é a um acto de entendimento sujeito-objecto, mas será uma “fruição do Sumo Bem”, será unir-se a Ele como um acto de vontade<sup>112</sup>. O amor não acaba nunca: Quando Cristo apresentar todo as coisas ao Pai, descobriremos a plenitude do sentido desse diálogo amoroso já iniciado no tempo e que jamais terá fim.

## CONCLUSÃO

No início deste artigo, recordamos que Paulo VI propôs Duns Escoto como modelo do diálogo para o período pós-conciliar, tanto pelo seu talento como pela sua doutrina. O Papa assinalava a influência positiva que Escoto poderia ter para o diálogo ecuménico e para o encontro com a cultura contemporânea, marcada pelo ateísmo prático. Ao longo destas páginas, tentou-se mostrar que essas afirmações do Papa, mais tarde ratificadas por João Paulo II, continuam a ser válidas na sociedade de informação.

A multiplicidade de meios técnicos e as crescentes oportunidades de encontro pessoal não bastam por si só para garantir um mundo sereno, pacífico e solidário. É verdade que aumentaram as comunicações entre os povos e culturas, mas também continuamos fechados em relação ao Outro e frente aos outros, em lutas de interesses, e refugiando-nos no intimismo. A isto há que juntar os perigos de destruição massiva, o terrorismo e a contaminação do meio ambiente.

Reeditando o dito “vício privado, pública virtude”, o liberalismo afirma que a mão invisível do mercado converte automaticamente em utilidade social o que, na realidade, é uma busca descarada do próprio interesse. Em lugar de colaboração, o eu auto-suficiente tenta utilizar todo o seu capricho buscando submeter os outros, excluindo a transcendência e tratando o próprio corpo como se fosse um objecto possuído. A própria natureza converte-se em objecto passivo de domínio despótico do *homo faber*, que tenta submetê-la segundo os caprichos do momento, sem se sentir implicada nela.

---

<sup>112</sup> *Ord. IV d. 49 q. ex. latere n. 2 (Vivès XXI 163).*

Esta mentalidade competitiva bloqueia o diálogo e impede o altruísmo. Reflecte também um conceito negativo da natureza humana que é vista como facilmente propenso ao egoísmo e ao isolamento. Para evitar males maiores, tenta-se orientar a questão pela “inevitável” guerra de interesses, do individualismo feroz e da lei do mais forte. Neste contexto de desconfiança mútua, propõe-se o “*homo oeconomicus*” e a idolatria do mercado como único horizonte “viável” da actividade humana.

Frente a esta visão negativa da natureza humana, Escoto propõe uma antropologia baseada na gratuidade e aberta à transcendência. Somos dignos porque amados. O nosso valor é independente da nossa eficácia e utilidade. Por seu lado, a criação tem um valor que é independente do homem.

O ser humano é imagem perene de Deus que é Amor e, por isso, está chamado ao altruísmo e à solidariedade. Se o egoísmo não é inevitável, nem há necessidade de construir um sistema social excessivamente centrado no conflito de interesses individualistas. Em lugar de levantar berreiros, podemos potenciar a nossa capacidade inata para o diálogo e autoadoção.

Com estas premissas, o sujeito pode reconhecer-se criatura amada por Deus, aceitar serenamente os próprios limites e iniciar com os outros um diálogo sincero e enriquecedor entre iguais. Se o ser é um dom, as relações meramente comerciais e utilitaristas do “*homo oeconomicus*” têm de ser subordinadas à gratuidade, à contemplação, à hospitalidade, à festa, ao sentido lúdico, à arte, ao estar juntos, à partilha gozosa e desinteressada.

*Tradução da responsabilidade dos Cadernos de Espiritualidade Franciscana*